EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) – UMA REFLEXÃO PARA OS AGENTES DO PROCESSO

Marcia Silva de Oliveira[1], Elioenai Dornelles Alves [2],Onília Cristina de Souza Almeida[3], Roberta Alves da Silva[4]

Abstract — *The development of new information technologies and communication (ICT) is one of the key factors to understand and explain the changing economic, social, and cultural policies of the last two decades. The questioning of the role of new information technologies in the processes of social change and cultural gain attention within education. Certain ideas on reforming the educational system attach to the incorporation of new information technologies a decisive effect on improving the quality of the processes of teaching and learning. Thus, the incorporation of ICTs in the field of education has consequences both for teaching and for learning processes. The idea of another community summarizes the challenges. The autonomy of the professor of the Graduate or Post graduate, as driver of the process, sum up the authority he has in the classroom, where he also has to be respected the autonomy of the student.*

Index Terms – new information technologies and communication, reforming the educational system, processes of teaching and learning.

INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos atualmente enfrentamos constantes mudanças, deparamo-nos com novas tendências, demandas e desafios que nos levam a buscar soluções criativas para diferenciadas situações. Quando superamos um paradigma, novos surgem e nos mostram que sempre temos o que aprender [1] – [2].

Esses paradigmas são definidos como uma forma de ver o mundo e de como ele deve ser estudado. Seu ponto de vista é compartilhado por um grupo de cientistas que vivem em uma comunidade marcada por uma linguagem comum, que busca fundar um edifício conceitual igualmente comum e possui uma postura política defensiva [3]. Desta forma, mudar um paradigma envolve mudar os pressupostos do conhecimento que o determina e também as crenças, os valores e a ideologia e ele associados [4].

O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) constitui um dos fatores-chave para compreender e explicar as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais das duas últimas décadas [1]. Neste sentido, em concordância com vários autores [5] – [10] é enfatizado que o papel desempenhado por estas inovações tecnológicas na busca e na direção das mudanças sociais e culturais continua sendo, no entanto, matéria de controvérsia no Brasil e em outros países.

Em relação ao Brasil, ao falar de novas TICs, refere-se ao estudo e à utilização da microeletrônica e das telecomunicações para produzir, armazenar, processar, recuperar e transmitir informação [1].

A problematização do papel das novas tecnologias da informação nos processos de mudança social e cultural ganha particular relevo no âmbito educacional. Certas concepções sobre a reforma do sistema educacional atribuem à incorporação das novas tecnologias da informação um efeito determinante na melhora da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem [11].

Por outro lado, essas novas tecnologias exercem uma enorme influência sobre a formação contínua e os responsáveis pelas políticas na área da educação podem desempenhar um importante papel para promover esse ensino, desenvolvendo a tecnologia nos centros comunitários e nos centros de educação de adultos, antes que ela se torne onipresente [12].

Entretanto, relacionar as novas tecnologias da informação (tecnologias digitais) à educação exige o reconhecimento de dois pontos, considerados por eles, como fundamentais. Primeiro, as tecnologias digitais trazem possibilidades interativas para a educação que, aparentemente, ainda não foram, genericamente, incorporadas nas práticas docentes, independentemente à adoção, ou não, dessa nova linguagem [13].

Tais possibilidades interativas podem trazer para a docência novos encaminhamentos quanto ao processo de aquisição do conhecimento pelo aluno [14]. Em segundo lugar, existe um descompasso entre o domínio que o docente apresenta destas novas linguagens frente aos conhecimentos que seus alunos possuem.

Desta forma, a incorporação das novas TICs no campo do ensino tem conseqüências tanto para a prática docente como para os processos de aprendizagem [15]. Todavia, a determinação destas conseqüências não pode se efetuar sem o exame das condições políticas e sociais que estruturam as práticas pedagógicas.

1 Marcia Silva de Oliveira Professor of the Faculty Juscelino Kubitschek/Anhanguera Educacional.QS 01 Street 212 Lotes 11/13/15, 70310-500, Águas Claras. Brasília/DF, Brazil. Professor of the Faculty of Sciences and Technology of Unaí – FACTU/ MG. Rua Rio Preto, no. 422 – Centro. Unaí/MG, Brazil. CEP: 38610-000. Researcher of the Center for Studies in Education and Health Promotion, University of Brasilia – NESPROM/UnB. Campus Universitário Darcy Ribeiro s/n, set 07, room 34, 70.910-900, Asa Norte. Brasília/DF, Brazil, professora_df@hotmail.com

2 Elioenai Dornelles Alves, Full Professor of Nursing Department of the Faculty of Health Sciences at the University of Brasilia. Campus Universitário Darcy Ribeiro s/n, set 07, room 34, 70.910-900, Asa Norte. Brasília/DF, Brazil, elioenai@unb.br

3 Onilia Cristina de Souza de Almeida, Professor of the Open University of Brazil of the University of Brasília – UnB, Prédio da Reitoria - Térreo - Campus Universitário Darcy Ribeiro, 70.910-900, Asa Norte, Brasilia/DF, Brazil, onilia.almeida@gmail.com

4 Roberta Alves da Silva, Postgraduate Coordinator and Professor of the Faculty Juscelino Kubitschek/Anhanguera Educacional.QS 01 Street 212 Lotes 11/13/15, 70310-500, Águas Claras. Brasília/DF, Brazil, robertaletras@gmail.com

As novas TICs, por si mesmas, não transformam as estruturas sociais, mas incorporam-se a elas e possibilitam o desenvolvimento acelerado do conhecimento na sociedade atual [15].

Essas novas TICs oferecem novas possibilidades de aprendizado e devem deixar a posição de simples auxiliares (na aprendizagem) para tornarem-se centro de uma outra forma de aprender [13]. O que afeta, em primeiro lugar, a mudança dos modos de comunicação e dos modos de interação.

Elas permitem acessar conhecimentos transmitidos não apenas por palavras, mas também por imagens, sons, fotos, vídeos (hipermídia), etc [16].

Nos últimos anos, a informação deixou de ser uma área ou especialidade para se tornar uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza. Pode-se dizer que está em andamento uma Revolução da Informação, como ocorreram no passado a Revolução Agrícola e a Revolução Industrial [16].

NOVAS TICS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O conhecimento sobre a tecnologia poderia contextualizar o sujeito na sociedade presente, marcada pelo alto grau de conectividade e de fluxo informacional [17]. Seu posicionamento, relacionado ao contexto atual das tecnologias, seria o de que a formação de professores não deveria limitar-se à operacionalização das máquinas, mas à compreensão dessas máquinas e de suas implicações no trabalho, na vida em sociedade e no mundo cultural.

Um dos aspectos básicos do sistema de educação constituindo-se é o chamamento que vem fazendo aos educandos para, ao lado de sua indispensável formação científica e concomitante com ela, numa prática adequada, desenvolverem a solidariedade, a responsabilidade social, o gosto do trabalho livre como fonte de conhecimento na produção do socialmente necessário, a camaradagem autêntica e a não competição que o individualismo gera [18].

Percebemos as tecnologias como um novo meio para implementação da dialogicidade, e a sua apropriação se torna um novo campo de diálogo entre o sujeito pedagógico, o mundo simbólico que este campo representa e a relação desse sujeito no mundo. Esse novo campo de diálogo e de troca de saberes é o espaço virtual.

O espaço virtual é definido como um novo espaço não mais sedimentado sobre um território geográfico nem sobre Estados, mas como um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam as maneiras de construção da sociedade, além das fronteiras estabelecidas [19].

Freire [20] reconhece a importância das TICs quando diz:

Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.

Atualmente, no encontro que começa a acontecer entre educação e tecnologia na sociedade contemporânea, há três desafios/conceitos considerados prioritários:

A interatividade, é uma idéia relativamente generalizada, mas que em poucas situações ocorre de fato [21]. É, sem dúvida, uma das características mais marcantes da Internet: onde o usuário é convidado a participar desta interatividade no envio de mensagens pelo correio eletrônico, na participação em listas eletrônicas ou fóruns de discussão em chats, ambientes multimídia e, até mesmo, no ato de navegar através de links de hipertexto nas páginas da Web [22] – [24].

Neste aspecto estudos destacam que não é avaliada no processo formativo ou de ensino-aprendizagem, porque os professores estão preocupados com salários, condição das salas, disponibilidades de computadores e compromisso educacional.

A faculdade, assim como a Internet (observação da autora), é um lugar de fazer ciência, que se situa e atua em uma sociedade, contextualizado em determinado tempo e espaço, sofrendo as interferências da complexa realidade exterior, que se estende da situação político-econômico-social da população às políticas governamentais, passando pelas perspectivas políticas e ideológicas dos grupos que nela atuam [25].

A idéia de comunidade resume outro dos desafios, segundo Schwartz [21] em artigo publicado na Internet. Instrumento de marketing, a formação de comunidades não passaria desse ponto de vista, de uma forma sofisticada de serviço de atendimento a clientes ou a fornecedores.

Contrariamente, outro autor afirma que ao se criar um espaço para a circulação de informação, a rede deu margem a uma multiplicação de formas de comunicação e de sociabilidade mediada pelo computador [22]. Possibilitou-se, assim, a emergência do ciberespaço enquanto espaço virtual e mediatizado, onde tomam vida relações sociais que se expressam através da cibercultura.

Finalmente, salienta que a informalidade tem sido valorizada [21]. Novamente um conceito antigo que boa parte dos estrategistas da nova economia tecnológica adoraria transformar numa arma de competição por mercados e consumidores. Nos debates, pesquisas e publicações dos últimos anos, esse desafio tem sido associado à noção de conhecimento tácito – ou seja, à possibilidade de capturar novas idéias, sentimentos, anseios que não estão explícitos, codificados, registrados e devidamente mensurados [26] –[27].

Esses três desafios, presentes no mundo da alta TIC, tornam-se ainda mais urgentes quando se trata de educação, em especial de educação à distância (EaD) [21]. Qual escola, qual website voltado à educação não gostaria de promover formas de conexão mais interativas, propícias à transformação dos clientes, alunos, pais de alunos, numa comunidade capaz de criar uma experiência muito mais rica do que a mera transmissão formal de conhecimento?

É nesse momento que esse mesmo autor pontua que as idéias de Paulo Freire tornam-se atuais, pois o seu modelo pedagógico, a sua visão do processo de aprendizado é sustentada exatamente por esse tripé: interatividade,

comunidade e informalidade. Ao publicar, em 1996, o livro Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola (p. 30).

Segundo ele, é nesse ponto que está a semente de uma grande transformação, se professores, alunos, instituições de ensino, empresas e governos conseguirem antes transformar as suas regras, as suas hierarquias, os seus mecanismos de controle.

O autor insiste que é justamente nessas transformações que reside o caráter revolucionário da obra de Freire, onde ele não diz que esta ou aquela ferramenta criará um novo tipo de educação, mas insiste numa idéia muito mais difícil de realizar: a de que somente com a transformação nas relações de poder entre quem ensina e quem aprende será possível criar uma interatividade (ou seja, diálogo) autêntica.

Diz ainda, que se tal nível de diálogo entre iguais for alcançado, então a interatividade será a base para a criação de uma comunidade. Em outras palavras, estará em jogo a criação de uma comunidade onde ocorre não a transmissão de conhecimento, mas a produção compartilhada, coletiva, prática de conhecimento.

Assim, neste contexto de inovações tecnológicas e necessidades sociais, intensifica-se a utilização da EaD, pois esta é uma modalidade que apresenta maneiras próprias de execução, mas obedece à concepção geral da educação, que se transforma, à medida em que se modificam as visões humanas do mundo [28].

REFLEXÃO PARA OS AGENTES DO PROCESSO

A autonomia do professor da Graduação ou da Pós-Graduação, como condutor do processo, soma-se a autoridade que ele tem em sala de aula, onde também tem que ser respeitada a autonomia do aluno. Ele deve saber ver e compreender o que o aluno está fazendo e muitas vezes esperar o momento adequado para interferir e auxiliá-lo [17] – [29].

Neste ambiente o papel do professor deve ser o de mediador da aprendizagem, atuando na zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, o professor precisa compreender o problema do aluno e entender a sua dificuldade momentânea para intervir no processo [30].

É preciso tentar compreender o nível de desenvolvimento, de interesses e de necessidades dos alunos para poder colocar desafios, ou mesmo para fornecer informações que os ajudem a sair da situação de conflito e atingir um nível superior de desenvolvimento. Ele deve se fazer presente e acessível.

Tem que haver integração entre professores, alunos, conteúdos e teorias de conhecimento. Um fenômeno educativo não se explica por uma única teoria, mas por diversas teorias que se complementam [17].

O professor precisa ter a capacidade de enxergar seus alunos de forma individualizada, a ponto de conhecer suas estratégias de aprendizado e dificuldades particulares [30] – [31] e, ainda, deve ter uma atitude de abertura ao diálogo e de parceria com o aluno [17] – [29]. Esse mesmo diálogo é requerido quando em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

O diálogo é compreendido como a interlocução entre indivíduos que se respeitam no compartilhamento de idéias, podendo existir a divergência [32].

Um diálogo é direcionado, construtivo e é apreciado pelos participantes. Cada uma das partes presta respeitosa e interessada atenção ao que o outro tem a dizer. Cada uma das partes contribui com algo para seu desenvolvimento e se refere às contribuições do outro partido. Podem ocorrer interações negativas e neutras. O termo diálogo, no entanto, sempre se reporta à interações positivas [34] – [35].

No Ensino Superior, através do diálogo, o professor provoca inquietações e desafios que provocam, no aluno, o desejo de buscar respostas, que contribuirão para a construção de novos conhecimentos [35].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professores que se revelam flexíveis em relação à própria liberdade de ação e a dos alunos, respeitando-lhes a autonomia e o estilo individual, deixam transparecer a prática do cotidiano docente. Tal prática encontra-se relacionada com a perspectiva pedagógica da instituição onde atuam [29]; ocorrendo o mesmo no ensino à distância.

Muitos professores, individualmente, têm sua prática pedagógica embasada no diálogo e no trabalho colaborativo com seus pares e com seus alunos [32]. Esta é, porém, uma iniciativa que procura chamar a atenção para a necessidade premente de se cuidar da prática pedagógica na Educação Superior para uma vida profissional proficiente e uma vida social sustentável.

Em sua pesquisa e na sua ação pedagógica, o grupo do qual essa autora faz parte, baseia seu trabalho em pilares como o diálogo, a autonomia, a colaboração, o trabalho em equipe, usando as TICs como mediadoras, inclusive na criação e na utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

REFERÊNCIAS

[1] LIGUORI, Laura M. As novas tecnologias da informação e da comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In: LITWIN, Edith. (Org.).*Tecnologia educacional*: políticas, histórias e propostas. Tradução de: Ernani, R. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 78-97, 1997.

[2] FUJITA, Oscar Massaru. *Do presencial tradicional ao virtual*: planejamento e mudanças de postura. 2007. (Relatório de Pesquisa) – Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente/SP. Universidade de São Paulo – USP.

[3] BURREL, Gibson. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In: CLEEG, S. R.; HARDY, W. R.; NORD, C. *Handbook de Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1999.

[4] LEITÃO, Sérgio Proença; ROSSI, L. P. Natureza da mudança nas organizações: uma introdução crítica. *Revista Arché Interdisciplinar*, v. 10, n. 28, p. 13-38, 2000.

[5] CEREZO, J. A. L.; LUJÁN, J. L. *Ciencia y tecnologia en contexto cultural*: un viaje a través de la controversia. In: ALCAZÁR, F. J. R.; DOMENÉCH, R. M. M. (Eds.), 1997.

[6] MUÑOZ, M. M.; PAREJA, E. I. *Elementos para la resolución de controversias en el debate sobre biotecnología y sociedad*. In: ALCAZÁR, F. J. R.; DOMENÉCH, R. M. M.; CAZORLA, J. A. S. (ed.), 1997.

[7] LEMOS, Cristina. Inovação na era do conhecimento. *Parcerias estratégicas*, v. 8, p. 157-79, 2000.

[8] TRIGUEIRO, Michelangelo Giotto Santoro. *O clone de Prometeu* – a biotecnologia no Brasil: uma abordagem para a avaliação. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

[9] BRUESEKE, F. A modernidade técnica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p . 135-44, 2002.

[10] CAVALCANTI, Carolina Magalhães Costa. *Interatividade em ambientes WEB – dando um toque humano a cursos online*, 2006. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=9779> Acesso em: 24 abr. 2008.

[11] LITWIN, Edith. *Tecnologia Educacional*. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995, p. 191.

[12] CARNOY, Martin. *Mundialização e reforma da educação*: o que os planejadores devem saber. Brasília: UNESCO, 2002. 136p.

[13] ALLAIN, Luciana Resende; ARRUDA, Eucídio Pimenta; ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira. *Implicações das novas tecnologias na prática pedagógica de professores de ciências, geografia e história das séries iniciais*: um recorte pedagógico e comunicacional. Belo Horizonte, Universidade FUMEC, 2005. Disponível em: < http://webinsider.uol.com.br/index.php/2006/11/09/o-papel-das-tecnologias-digitais-no-contexto-escolar/> Acesso em: 16 ago. 2007.

[14] ARRUDA, Eucídio. *Ciberprofessor*: novas tecnologias, ensino e trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

[15] MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Novas tecnologias na educação: novos cenários de aprendizagem e formação de professores. In: OLIVEIRA, M. A. (Org.). *Reflexões sobre o conhecimento e educação*. Maceió, EDUFAL, 2000, p. 69-124.

[16] GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 2, 2000.

[17] FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 6. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

[18] FREIRE, Paulo Reglus Neves. A alfabetização de adultos: é ela um que fazer neutro? *Revista Educação e Sociedade*. São Paulo, n. 10, p. 64-70, 1978.

[19] LÉVY, Pierre. *Antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

[20] FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

[21] SCHWARTZ, Gilson. Paulo Freire digital – Interação, comunidade, informalidade. *Redemoinhos*, Ano I, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.cidade.usp.br> Acesso em: 28 jul. 2007.

[22] MÁXIMO, Maria Elisa. *Novos caminhos de socialização na Internet*: um estudo das listas eletrônicas de discussão. Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa 19 "Cultura, comunicação e vida cotidi na" da 22ª. Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília, 2000.

[23] SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Revista Educação & Sociedade*. Campinas: CEDE, 2002.

[24] TELES, Jorge Luiz; MENDONÇA, Patrícia Ramos. Educação na diversidade: experiências de formação continuada de professores. In: TELES, J. L.; MENDONÇA, P. R. (Org.) *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*, 2006, Brasília. 192 p.: il. – (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação; n. 7, v. 24).

[25] MASSETO, Marcos T. (Org.). *Docência na universidade*. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

[26] JOHANNESSEN, K. S. Rule following and tacit knowledge. *Al & Society*, v.2, p. 287-301, 1988.

[27] NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. *Criação de conhecimento na empresa*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

[28] WICKERT, Maria Lúcia Scarpini. *O futuro da educação a distância no Brasil*. Palestra apresentada na mesa redonda O futuro da educação a distância no Brasil, promovida pelo Centro de Educação Aberta Continuada – CEAD, da Universidade de Brasília, em 05 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead/lucia1.htm> Acesso em: 05 ago. 2007.

[29] OLIVEIRA, Marcia Silva de. *Estudo sobre a valorização das relações interpessoais, entre professor e aluno, e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem da graduação do curso de biomedicina*. Monografia (Especialização em Docência Universitária). UniCEUB – Brasília/DF, 2004.

[30] VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Tradução de: Jéferson Luiz Camargo. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

[31] SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 79-91.

[32] CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. *Formação de professores em didática para a educação a distância na educação superior*. In: MACHADO, E. M.; CORTELAZZO, I. B. C. (Orgs.). Curitiba: UTP, 2004. 272 p. Livro Virtual. Disponível em: <http://www.utp.br/mestradoemeducacao/vpedagogiaemdebate/pddcio.htm> Acesso em: 16 ago. 2007.

[33] PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*: experiências e estágio da discussão numa visão internacional. São Leopoldo – RS, Ed. Unisinos, 2001.

[34] MOORE, Michael G. Theory of transactional distance. In: KEEGAN, D. (Org.). *Theoretical principles of distance education*. Londres e New York: Routledge, 1993.

[35] MORAES, Maria Cândida Borges de. C. *O paradigma educacional emergente*. 10. ed., Campinas: Papirus, 1997, p. 144.